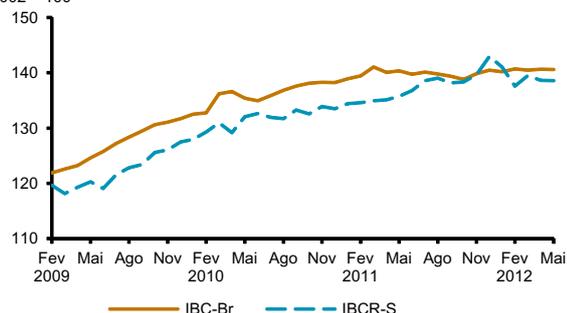


## Região Sul

**Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Sul**

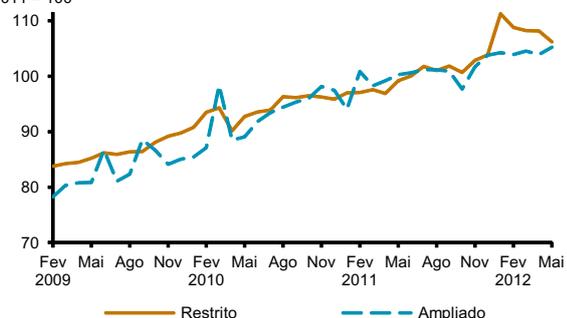
Dados dessazonalizados

2002 = 100

**Gráfico 5.2 – Comércio varejista – Sul**

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 5.1 – Comércio varejista – Sul**

Geral e setores selecionados

Discriminação	Variação % no período			
	2011	2011	2012	
		Fev <sup>1/</sup>	Mai <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	6,4	6,1	-0,4	8,8
Combustíveis e lubrificantes	0,6	-1,2	1,6	0,7
Hiper e supermercados	4,2	9,7	-2,3	9,0
Tecidos, vestuário e calçados	4,5	-0,6	3,9	3,6
Móveis e eletrodomésticos	14,3	5,3	-0,1	13,1
Comércio varejista ampliado	7,5	3,9	0,5	5,5
Automóveis e motocicletas	7,9	1,8	-2,2	0,3
Material de construção	14,6	4,2	1,9	8,8

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A trajetória da atividade econômica do Sul nos últimos meses refletiu o desempenho negativo da produção industrial e as perdas da safra de grãos, bem como o menor dinamismo do comércio varejista. Nesse cenário, o IBCR-S recuou 1,2% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando havia aumentado 1,3%, na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados. Apesar do desempenho desfavorável na margem, considerados intervalos de doze meses, o indicador elevou-se 4,4% em maio, ante 4,2% registrado em fevereiro de 2012.

As vendas do comércio varejistas contraíram 0,4% no trimestre finalizado em maio, em relação ao encerrado em fevereiro, quando haviam crescido 6,1%, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Seis das oito atividades consideradas na pesquisa registraram recuos, com destaque para o observado no segmento hiper e supermercados, de 2,3%. Por outro lado, o comércio ampliado registrou aumento de 0,5%, resultado, principalmente, da expansão de 1,9% nas vendas de materiais de construção. De fato, houve declínio de 2,2% das vendas de automóveis e motocicletas no trimestre.

Considerados períodos de doze meses, a atividade varejista cresceu 8,8% em maio, em relação a igual intervalo do ano anterior, ante 7,6% em fevereiro. Com exceção do segmento de livros, jornais, revistas e papelaria, as demais atividades assinalaram expansão, destacando-se o comércio alimentício, crescimento de 8,8% em doze meses até maio, ante 6,6% até fevereiro. Na mesma base de comparação, o comércio ampliado registrou incremento de 5,5%, reflexo das elevações de 8,8% nas vendas de materiais de construção e de 0,3% em automóveis e motocicletas.

Os dados da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve) também evidenciaram menor dinamismo do setor. No trimestre março a maio, houve queda de 2,7% das vendas de automóveis e de

**Tabela 5.2 – Produção industrial – Sul**

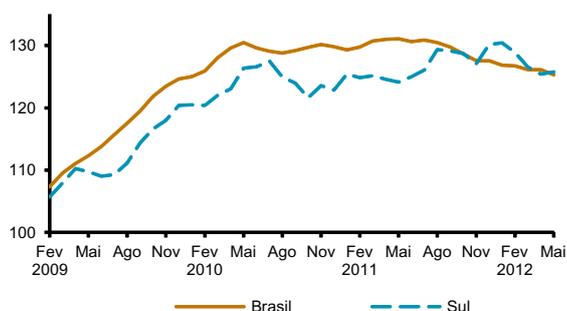
Geral e setores selecionados

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período		
		2012		
		Fev <sup>2/</sup>	Mai <sup>2/</sup>	12 meses
Indústria geral	100,0	1,4	-2,4	3,0
Alimentos	19,2	-0,8	-4,7	-1,6
Veículos automotores	13,6	-19,0	5,4	9,2
Máquinas e equipamentos	11,7	16,7	0,0	6,3
Refino de petróleo e álcool	7,5	-0,5	2,1	9,9
Celulose, papel e prod. de papel	6,9	2,0	-2,6	0,9
Outros produtos químicos	5,7	3,7	0,2	0,1
Edição, imp. e reproduç. gravações	4,5	46,9	-13,4	26,2

Fonte: IBGE

1/ Ponderação das atividades na indústria conforme a PIM-PF/IBGE de maio.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 5.3 – Produção industrial**Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100

Fonte: IBGE

comerciais leves, se comparadas às de igual período de 2011, e de 5,2%, ante o trimestre imediatamente anterior, conforme dados dessazonalizados.

Nessas mesmas bases, segundo a Serasa *Experian*, a demanda dos consumidores por crédito diminuiu 6,8% na comparação interanual e 2% considerada a média móvel de doze meses, em relação ao trimestre anterior.

O Índice Nacional de Confiança (INC) relativo à região Sul, divulgado pela ACSP, atingiu 180 pontos em junho, ante 183 pontos em março deste ano e 190 pontos em junho de 2011. Apesar do declínio, os consumidores da região mantiveram-se relativamente otimistas, visto que, em âmbito nacional, o indicador atingiu 157 pontos.

Quanto às avaliações empresariais, o Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec), elaborado pela Confederação Nacional do Comércio (CNC), registrou melhora nas expectativas, na comparação entre junho de 2011 e 2012, 120,5 e 124,4 pontos, respectivamente. Na margem, entretanto, houve declínio na avaliação, com a redução de três pontos, relativamente ao indicador de março.

A produção industrial da região recuou 2,4% no trimestre encerrado em maio, após elevação de 1,4% no trimestre até fevereiro, quando comparados com o período anterior, conforme dados da PIM-PF Regional do IBGE, agregados e dessazonalizados pelo Banco Central. Registraram-se resultados negativos em dez das dezenove atividades pesquisadas, incluindo alimentos, 4,7%, que detém a maior participação na composição do produto, seguindo-se edição, impressão e reprodução de gravações, 13,4%. Comparando períodos de doze meses finalizados em maio de 2012 e de 2011, a indústria da região cresceu 3%, ante 1,7% em fevereiro, enquanto em âmbito nacional foram registradas contrações de 1% e 1,8%, respectivamente.

O pessoal ocupado e a folha real de pagamentos assinalaram crescimento, na ordem, de 1,4% e de 0,9%, no trimestre encerrado em maio, ante o findo em fevereiro, enquanto as horas trabalhadas na indústria do Sul declinaram 0,9% na mesma base, conforme dados sem o efeito sazonal, da Pesquisa Industrial Mensal – Emprego e Salário (Pimes) do IBGE. Nas comparações interanuais, houve elevação de 1,7% e de 5,2% no pessoal ocupado e na folha real de pagamentos, e declínio de 0,4% nas horas trabalhadas.

A produtividade da indústria da região Sul, compreendida como a relação entre a produção física e

o número de horas pagas, dados do IBGE, recuou 1,8% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando se elevava 1,4%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. Comparando períodos de doze meses finalizados em maio de 2012 e 2011, o indicador registrou crescimento de 3,2%.

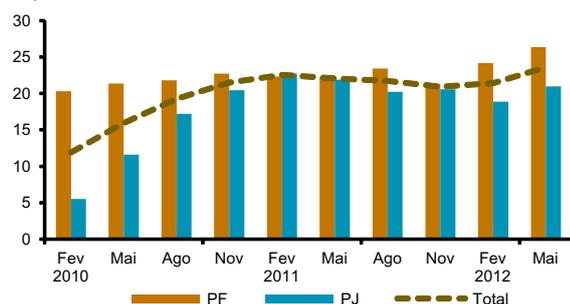
O Icei, divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), alcançou 54,8 pontos na região Sul e 56,1 pontos em nível nacional no mês de junho. No caso da região, houve recuo de 1 ponto em relação a maio deste ano e avanço de 0,2 ponto comparativamente a junho de 2011.

Segundo dados do Sindicato Nacional da Indústria do Cimento (SNIC), dessazonalizados pelo Banco Central, as vendas de cimento na região registraram queda de 1,6% no trimestre terminado em junho de 2012, comparativamente a igual período anterior, quando haviam declinado 0,8%, no mesmo tipo de análise. Em doze meses encerrados em junho, as vendas aumentaram 7,9% na região e 8,1% no país, resultados que indicam moderação da atividade do setor, haja vista os percentuais respectivos de 8,8% e de 9% registrados em março, na mesma base de comparação.

O nível de utilização da capacidade instalada da região<sup>1</sup> declinou 1,3 p.p., a partir de série com ajuste sazonal, no trimestre encerrado em maio. Comparando a média dos últimos doze meses finalizados em maio em relação a igual período do ano anterior, houve recuo de 0,7 p.p.

**Gráfico 5.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Sul<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil contratadas no Sul atingiu R\$373,1 bilhões em maio, aumentando 6,1% no trimestre e 23,6% em doze meses. As operações direcionadas às pessoas físicas somaram R\$178,5 bilhões, crescendo 6,7% e 26,3%, respectivamente, nestas bases de comparação, destacando-se a evolução das modalidades de crédito pessoal com consignação em folha de pagamento, financiamentos imobiliários e financiamentos de veículos. A carteira de pessoas jurídicas totalizou R\$194,6 bilhões, elevando-se 5,6% no trimestre e 21% em doze meses, com ênfase no crescimento das operações direcionadas ao comércio atacadista, exceto veículos automotores e motocicletas; geração, transmissão e distribuição de eletricidade e gás; e indústria de alimentos e bebidas, exceto açúcar em bruto.

A taxa de inadimplência das operações de crédito alcançou 3,2% em maio, ante 3,1% em fevereiro, refletindo elevações de 0,1 p.p. no segmento de pessoas físicas e de

1/ Calculado a partir de ponderação dos indicadores de cada estado, divulgados pela Fiergs, Fiesc e Fiep, pela participação das indústrias dos estados respectivos na produção da região, considerada a Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE.

**Tabela 5.3 – Produção agrícola – Sul**

Itens selecionados

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Produção <sup>2/</sup>		Variação % 2012/2011
		Em mil toneladas		
		2011	2012	
Grãos	65,9	67 842	57 188	-15,7
Soja	33,2	28 570	17 962	-37,1
Milho	13,8	21 870	23 476	7,4
Arroz (em casca)	10,1	10 111	8 999	-11,0
Trigo	5,2	5 399	5 002	-7,4
Outras lavouras				
Fumo	10,0	931	779	-16,4
Cana-de-açúcar	4,4	50 653	52 886	4,4
Mandioca	5,0	5 991	5 491	-8,3

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2012.

**Tabela 5.4 – Preços médios pagos ao produtor – Sul**

Em R\$ por saca

Produtos	Variação % no período		
	2012		
	Mês <sup>1/</sup> (Jun)	Trimestre <sup>2/</sup> (Abr-Jun)	Acumulado no ano <sup>3/</sup>
Soja	4,9	23,7	15,8
Arroz (em casca)	2,5	6,0	26,8
Feijão	-9,0	12,9	99,5
Milho	-2,9	-8,8	-3,7
Trigo	0,3	4,4	-4,6

Fontes: Emater/RS e Seab/PR

1/ Em relação ao mês anterior.

2/ Em relação ao trimestre anterior.

3/ Até junho.

**Tabela 5.5 – Indicadores da pecuária – Sul**

Maio de 2012

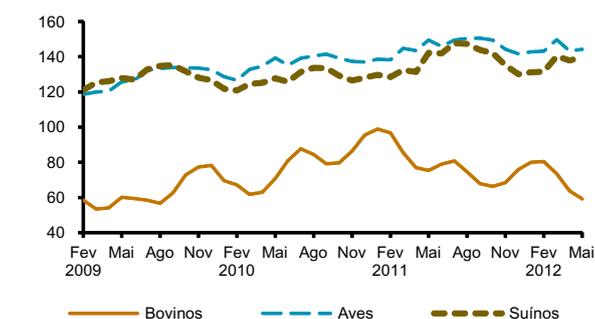
Discriminação	Variação % no ano		
	Abates (nº de animais)	Exportações (kg)	Preços (R\$)
Bovinos	-20,1	-41,5	-0,3
Suíños	2,3	-2,2	-7,4
Aves	-0,4	7,8	-4,6

Fonte: Mapa, Emater/RS, Iepe, Seab/PR e MDIC

**Gráfico 5.5 – Abates de animais – Sul**

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

0,2 p.p. no de pessoas jurídicas, com taxas respectivas de 4,1% e 2,4%.

A safra de grãos da região deverá totalizar 57,2 milhões de toneladas em 2012, de acordo com o LSPA de junho do IBGE, representando 36,3% da produção nacional. Essa projeção contempla decréscimo anual de 15,7% e reflete, em grande parte, as estimativas de reduções para as produções de soja, 37,1%; feijão, 19,6%; arroz, 11%; e trigo, 7,4%, devido aos efeitos da estiagem que afetou a região desde os últimos meses de 2011. Cabe destacar que a previsão de crescimento para a segunda safra de milho, 63,2%, está impactando a projeção de acréscimo de 7,4% na produção total do grão. Dentre as demais culturas, a safra de fumo deverá decrescer 16,4%.

As cotações médias do feijão, arroz e soja apresentaram incremento no primeiro semestre do ano, em relação a igual período de 2011, enquanto as do milho e trigo recuaram, de acordo com estatísticas da Associação Riograndense de Empreendimentos e de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS) e da Secretaria de Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab/PR). Na margem, houve aumento das cotações médias, em relação ao trimestre encerrado em março, com exceção do milho, cujo preço caiu 8,8%.

Os abates de bovinos, suínos e aves, realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, registraram variações respectivas de -20,1%, 2,3% e -0,4% nos primeiros cinco meses do ano, em relação a igual período de 2011, conforme estatísticas do Mapa, enquanto suas cotações assinalaram declínio generalizado, na ordem, de 0,3%, 7,4% e 4,6%, de acordo com a Emater/RS, o Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (Iepe) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Seab/PR. Considerada a mesma base de comparação, as quantidades exportadas dos itens mencionados registraram variações respectivas de -41,5%, -2,2% e 7,8%, com as vendas externas de bovinos impactadas pelas restrições impostas pela Rússia aos produtos brasileiros.

A balança comercial da região Sul registrou déficit de US\$1,7 bilhão no primeiro semestre de 2012, ante US\$1,1 bilhão no mesmo período do ano anterior, de acordo com o MDIC. As exportações, refletindo variações de -1% no quantum e de 1,5% nos preços, variaram 0,5%, para US\$21,9 bilhões, enquanto a expansão de 3,1% das importações, que somaram US\$23,6 bilhões, decorreu de variações de -5,8% na quantidade e de 9,4% nos preços.

**Tabela 5.6 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	21 811	21 924	0,5	-0,9
Básicos	10 431	10 580	1,4	-0,6
Industrializados	11 380	11 344	-0,3	-1,7
Semimanufaturados	1 943	1 732	-10,8	-5,8
Manufaturados <sup>1/</sup>	9 437	9 612	1,8	-0,2

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 5.7 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	22 900	23 605	3,1	4,6
Bens de capital	3 951	4 229	7,1	5,6
Matérias-primas	12 098	12 135	0,3	0,4
Bens de consumo	3 832	4 207	9,8	5,0
Duráveis	2 313	2 448	5,8	-0,4
Não duráveis	1 519	1 759	15,8	13,1
Combustíveis e lubrificantes	3 019	3 034	0,5	14,6

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 5.8 – Evolução do emprego formal – Sul**

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2011			2012	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	108,1	60,6	101,8	1,5	94,4
Indústria de transformação	42,3	6,0	4,1	-11,2	34,4
Comércio	19,6	15,6	46,5	-9,5	17,8
Serviços	39,6	28,6	38,1	22,4	36,0
Construção civil	11,9	9,4	4,6	0,5	11,6
Agropecuária	-8,3	-0,9	7,4	0,4	-8,2
Serviços ind. de utilidade pública	0,5	0,7	0,7	0,1	0,5
Outros <sup>2/</sup>	2,4	1,2	0,4	-1,2	2,3

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

As vendas de produtos básicos aumentaram 1,4%, representando 48,3% do total exportado, com destaque para as expansões nas relativas à soja, 12,8%, e fumo, 14,4%, e para a redução nas vendas de carnes, 6,4%. Os embarques de produtos manufaturados, 43,8% do total, aumentaram 1,8% no semestre, com ênfase no acréscimo de automóveis de passageiros, 51,8%, e de bombas e compressores, 26,4%, e na redução de polímeros de etileno, 8,2%. Houve recuo de 10,8% nas vendas dos semimanufaturados, 7,9% do total, sensibilizado especialmente pelas retrações nas referentes a açúcar de cana, 26,5%, e couros e peles, 13%. China, Argentina e EUA adquiriram, em conjunto, 33,7% das vendas externas da região no semestre.

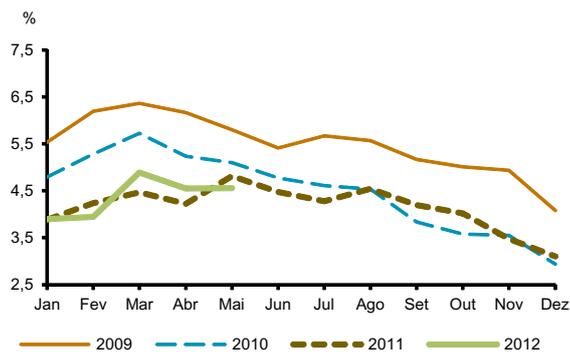
As aquisições de matérias-primas e produtos intermediários, representando 51,4% das compras externas da região, variaram 0,3% no período, com destaque para o aumento de 18,9% nas relativas a partes e peças para veículos e redução de 20,9% nas de catodos de cobre. As importações de bens de consumo, bens de capital, e combustíveis e lubrificantes, correspondendo, respectivamente, a 17,8%, 17,9% e 12,9% da pauta da região, experimentaram elevações de 9,8%, 7,1% e 0,5%, na ordem, salientando-se o incremento em veículos de carga, 40,7%. Os produtos provenientes da China, Argentina e Nigéria representaram, em conjunto, 41,3% das importações do Sul no semestre.

Na região Sul, foram criados 94,4 mil empregos formais no trimestre encerrado em maio, ante 108,1 mil em igual período do ano anterior, de acordo com o Caged/MTE. Destaque-se a geração de vagas no setor de serviços, 36 mil, sendo 9,7 mil em administração de imóveis, serviços técnicos e profissionais, e na indústria de transformação, 34,4 mil, destas, 8,8 mil na indústria da borracha, fumo e couro. Por outro lado, a agropecuária eliminou 8,2 mil postos, principalmente na produção de lavouras permanentes. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego da região cresceu 1% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando aumentara 0,9% nesta mesma base de comparação, destacando-se o aumento de 1,8% na construção civil.

A taxa de desocupação da região Sul<sup>2/</sup> alcançou 4,6% em maio, ante 3,9% em fevereiro e 4,8% em maio de 2011. A retração do índice na comparação anual refletiu as variações de 0,8% na PEA e de 1,1% na população ocupada.

2/ Calculada com base na taxa de desocupação das regiões metropolitanas de Porto Alegre, conforme a PME do IBGE, e de Curitiba, de acordo com a PME do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Iparades).

**Gráfico 5.6 – Taxa de desocupação – Sul**



Fonte: IBGE e IPARDES

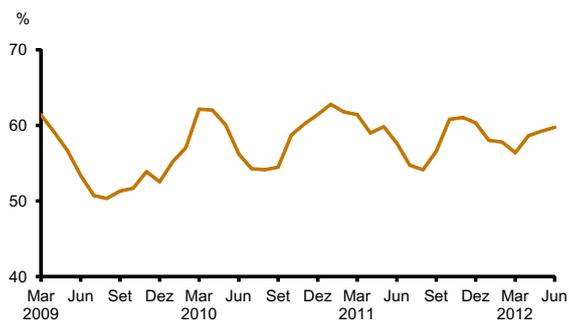
**Tabela 5.9 – IPCA – Sul**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % trimestral			
		2011		2012	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	1,07	1,54	0,90	1,26
Livres	76,3	1,05	1,61	0,99	1,39
Comercializáveis	37,8	0,36	1,39	0,01	1,15
Não comercializáveis	38,5	1,67	1,80	1,97	1,61
Monitorados	23,7	1,13	1,35	0,61	0,87
Principais itens					
Alimentação	23,1	1,02	2,60	1,08	2,24
Habituação	14,9	1,03	2,02	1,95	1,91
Artigos de residência	4,7	-0,22	-1,58	-0,61	0,22
Vestuário	7,3	-0,02	2,21	-0,88	3,00
Transportes	20,5	1,52	1,12	-0,10	-2,04
Saúde	11,3	1,72	1,30	0,87	2,44
Despesas pessoais	9,9	1,46	1,54	1,68	3,64
Educação	3,8	0,95	0,24	6,21	-0,25
Comunicação	4,5	0,00	0,88	-0,12	0,67

Fonte: IBGE

1/ Referente a junho de 2012.

**Gráfico 5.7 – IPCA – Índice de difusão – Sul**  
Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

A variação do IPCA da região Sul<sup>3</sup> alcançou 1,26% no trimestre finalizado em junho, ante 0,90% naquele encerrado em março, resultado das acelerações nos preços livres, de 0,99% para 1,39%, e nos preços monitorados, de 0,61% para 0,87%, essa decorrente, sobretudo, do aumento nos preços dos produtos farmacêuticos, 3,49%, cujo impacto foi em parte neutralizado pela queda de 1,71% nos preços da gasolina.

A evolução dos preços livres refletiu a variação mais acentuada nos preços de bens comercializáveis, de 0,01% para 1,15%, destacando-se as elevações assinaladas em vestuário, 3%, e cigarros, 20,23%, e, em sentido inverso, o recuo de 5,65% nos preços de automóvel novo. A variação dos preços dos bens não comercializáveis arrefeceu, de 1,97% para 1,61%, favorecida pela retração nos preços de automóvel usado, que mitigou a variação do IPCA da região em 0,14 p.p., bem como pela ausência de reajustes no item cursos. O índice de difusão, indicando maior disseminação dos reajustes de preços, atingiu 59,7% em junho, ante 56,4% em março.

Considerados intervalos de doze meses, o IPCA da região Sul acumulou alta de 4,86% em junho, ante 5,26% em março. A desaceleração dos preços livres, de 5,35% para 5,13%, refletiu a menor variação nos preços dos bens não comercializáveis, de 7,56% para 7,24%, associada, especialmente, à queda nos preços de automóvel usado e à menor variação do item alimentação fora do domicílio. Nesse mesmo sentido, a relativa aos bens comercializáveis recuou de 3,03% para 2,95%, suavizada pela retração nos preços de automóvel novo. A variação dos preços monitorados registrou trajetória declinante, de 4,96% para 4,01%, favorecida pela queda nos preços da gasolina.

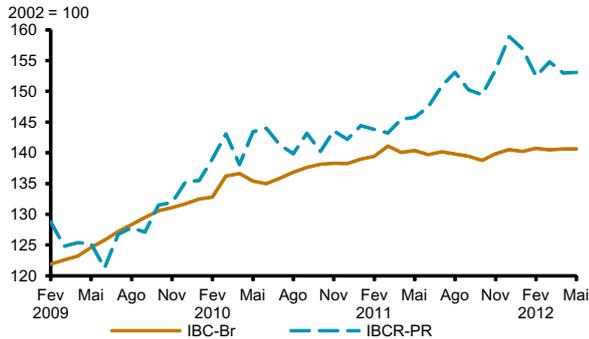
O ritmo da atividade na região foi sensibilizado pela queda da renda agrícola decorrente, principalmente, da redução da produção em virtude da estiagem desde o final de 2011. Para os próximos trimestres, as perspectivas incorporam relativa superação dos efeitos sobre a renda agrícola, em parte, devido a elevação das cotações em importantes culturas. Some-se a isso os efeitos positivos das ações de política recentemente implementadas. Note-se que iniciativas como a desoneração da folha de pagamento, a isenção de IPI de setores selecionados, entre outras, já repercutem sobre o nível de atividade na margem.

3/ Calculado com base nos pesos e variações dos subitens que compõem o IPCA das regiões metropolitanas de Porto Alegre e de Curitiba, ponderados pelos pesos destas regiões na composição do IPCA nacional.

## Paraná

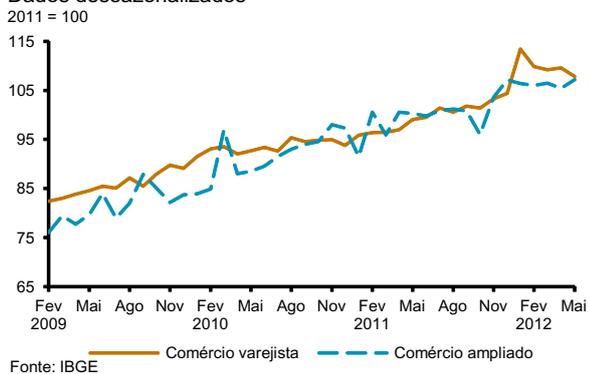
**Gráfico 5.8 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Paraná**

Dados dessazonalizados



**Gráfico 5.9 – Comércio varejista – Paraná**

Dados dessazonalizados



**Tabela 5.10 – Índice de vendas no varejo – Paraná**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2011	2012		
		Fev <sup>1/</sup>	Mai <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	7,0	6,9	-0,3	10,7
Combustíveis e lubrificantes	-3,9	1,8	2,3	-0,7
Hiper e supermercados	6,0	10,5	-2,8	10,7
Tecidos, vestuário e calçados	-1,8	0,5	4,1	1,9
Móveis e eletrodomésticos	16,9	8,1	-1,1	17,4
Comércio ampliado	8,8	6,4	-0,1	8,3
Automóveis e motocicletas	10,8	4,6	-3,1	4,5
Material de construção	12,1	1,7	1,5	11,1

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A atividade econômica paranaense registrou desaceleração no trimestre encerrado em maio, consubstanciada nos recuos da produção industrial e das vendas ao varejo, associados ao menor dinamismo no mercado de trabalho. Nesse cenário, o IBCR-PR recuou 1,6%, ante expansão de 3,3% no trimestre finalizado em fevereiro, de acordo com dados dessazonalizados. Considerados períodos de doze meses, o IBCR-PR elevou-se 7,3% em maio, comparativamente a igual intervalo de 2011, frente a aumento de 5,6% em fevereiro.

As vendas do comércio varejista paranaense recuaram 0,3% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando cresceram 6,9%, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Ocorreram aumentos em quatro dos oito segmentos analisados, ressaltando-se os relativos a artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e perfumaria, 6,9%, e tecidos, vestuário e calçados, 4,1%; e as reduções de 9,8% nas vendas de livros, jornais, revistas e papelaria, e de 4% em equipamentos e materiais de escritório, informática e comunicação. O comércio ampliado, que inclui as vendas de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, variou -0,1%, no período.

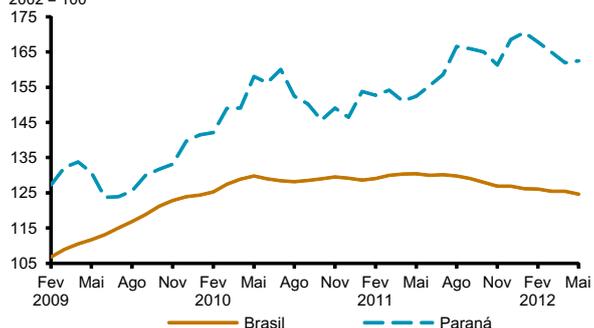
As vendas no varejo acumuladas em doze meses registraram elevação de 10,7% em maio, em relação ao período correspondente de 2011, ante 8,7% em fevereiro, registrando-se resultados positivos em seis segmentos, com ênfase nos relativos a artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 19,9%, e móveis e eletrodomésticos, 17,4%. Na mesma base de comparação, as vendas de veículos, motos, partes e peças e de material de construção elevaram-se, na ordem, 4,5% e 11,1%, contribuindo para que o comércio ampliado registrasse crescimento de 8,3%.

As vendas de veículos novos decresceram 6,2% no trimestre encerrado em maio, em relação ao encerrado em fevereiro, e 17% ante igual mês de 2011, de acordo com estatísticas da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores do Estado do Paraná (Fenabrave-PR) e do Sindicato dos Concessionários e Distribuidores de Veículos no Estado do Paraná (Sincodiv PR).

A produção da indústria paranaense recuou 3,2% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando expandira 4%, na mesma base de

### Gráfico 5.10 – Produção industrial – Paraná

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



Fonte: IBGE

### Tabela 5.11 – Produção industrial – Paraná

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período		
		2011		
		Fev <sup>2/</sup>	Mai <sup>2/</sup>	12 meses
Indústria geral	100,0	4,0	-3,2	8,8
Veículos automotores	23,3	-18,1	2,3	15,8
Alimentos	17,6	-1,2	-0,7	0,1
Edição e impressão	10,0	52,5	-26,6	33,1
Máquinas e equipamentos	9,4	12,7	-2,2	-3,2
Refino de petróleo e álcool	8,3	-2,7	0,2	16,3
Celulose e papel	8,0	2,3	-3,5	-0,7

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

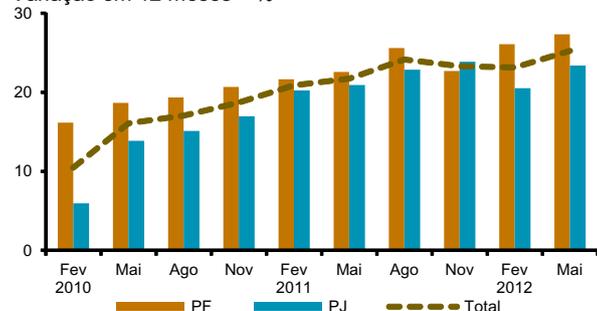
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Sete das catorze atividades pesquisadas registraram resultados negativos, com destaque para edição e impressão, 26,6%, celulose e papel, 3,5%, e máquinas e equipamentos, 2,2%, que reverteram o desempenho positivo observado no trimestre anterior. Ressalte-se, por outro lado, o aumento na produção de veículos automotores, 2,3%, e a recuperação nos segmentos de refino de petróleo e álcool, 0,2%, e de alimentos, -0,7%. Considerados períodos de doze meses, a indústria cresceu 8,8% em maio, em relação a igual intervalo do ano anterior, ante 5,5% em fevereiro, destacando-se os aumentos nas atividades de edição e impressão, 33,1%, refino de petróleo e álcool, 16,3%, e veículos automotores, 15,8%.

As vendas reais da indústria paranaense cresceram 4,8% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando haviam recuado 1,1%, em igual tipo de comparação, consideradas as estatísticas da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep), após ajuste sazonal. Entre os segmentos com maior representatividade na composição do indicador, destacaram-se as elevações nas vendas de fabricação e montagem de veículos automotores, 43,4%, beneficiadas pela redução do IPI, de produtos de metal exclusive máquinas e equipamentos, 8,3%, e de produtos químicos, 7,3%; e os recuos nas de máquinas e equipamentos, 7,6%, e de artigos de borracha e plásticos, 1,8%. O Nuci atingiu 77,1% em maio, recuando 2,1 p.p. em relação a fevereiro. Considerados períodos de doze meses, as vendas reais da indústria aumentaram 3% em maio, em relação a igual período do ano anterior, com destaque para o crescimento de 14,5% nas relativas a coque, refino de petróleo e produção de álcool, e de 11,5% no segmento de fabricação e montagem de veículos automotores.

### Gráfico 5.11 – Evolução do saldo das operações de crédito – Paraná<sup>1/</sup>

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil, realizadas no Paraná, totalizou R\$136,5 bilhões em maio, elevando-se 6% no trimestre e 25,3% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas somaram R\$65,9 bilhões, aumentando 6% e 27,3%, respectivamente, com ênfase no dinamismo das modalidades crédito pessoal em consignação e financiamento imobiliário. A carteira das pessoas jurídicas atingiu R\$70,6 bilhões, registrando variações respectivas de 6,1% e 23,4% nos períodos mencionados, ressaltando-se o desempenho dos empréstimos para financiamento de exportações e para capital de giro.

A taxa de inadimplência relativa a essas operações de crédito atingiu 3,4% em maio, variando 0,1 p.p. no

trimestre e 0,7 p.p. em doze meses. A evolução trimestral decorreu de expansões de 0,1 p.p. no segmento de pessoas físicas e de 0,2 p.p. no relativo a pessoas jurídicas, nos quais as taxas situaram-se, na ordem, em 4,2% e 2,6%.

**Tabela 5.12 – Produção agrícola – Paraná**

Itens selecionados

Discriminação	Peso <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		
		Produção <sup>2/</sup>		Variação %
		2011	2012	
Grãos	72,3	31 821	31 558	-0,8
Feijão	4,7	815	678	-16,8
Milho	17,5	12 442	16 821	35,2
Soja	38,7	15 458	10 891	-29,5
Trigo	7,1	2 428	2 453	1,1
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	8,9	49 272	51 769	5,1
Fumo	4,3	172	151	-11,9
Mandioca	5,4	4 179	3 774	-9,7

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2012.

A safra de grãos do Paraná, de acordo com o LSPA de junho do IBGE, deverá recuar 0,8% em 2012, totalizando 31,6 milhões de toneladas, com participação de 19,6% na produção do país. Essa projeção reflete a ocorrência de condições meteorológicas desfavoráveis na safra de verão, com impactos especialmente sobre a lavoura de soja, cuja produção anual contraiu 29,5%, decorrente de reduções de 2,1% na área cultivada e de 28% na produtividade. Para a produção estadual de milho, entretanto, estima-se aumento anual de 35,2%, devendo alcançar 16,8 milhões de toneladas, como resultado da expansão de 19,8% na área cultivada na safra de inverno, em cenário favorável para os preços do cereal. A cultura de trigo registrou redução de 17,2% na área cultivada, motivada por dificuldades na comercialização do produto, porém sua produção deve aumentar 1,1% em 2012.

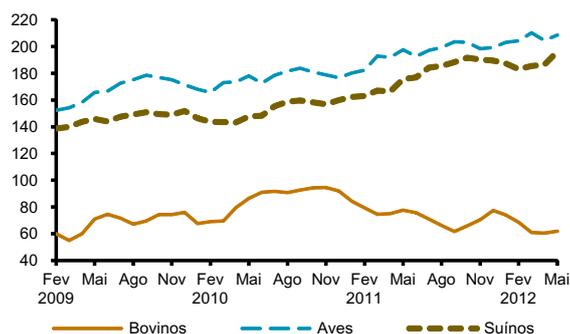
A estimativa da Seab/PR e do Departamento de Economia Rural (Deral) do Estado do Paraná para 2012, divulgada em junho, aponta recuo anual de 1% na produção de grãos do estado, totalizando 31,5 milhões de toneladas, em linha com a projeção do IBGE. Esse resultado reflete o impacto da estiagem sobre a safra de verão, que no estado deverá totalizar 17,8 milhões de toneladas, ante 22,2 milhões de toneladas no período 2010/2011, decorrente, principalmente, de quebras respectivas de 29%, 36% e 6% nas safras de soja, feijão e arroz irrigado. Também nessa estimativa a produção de milho deverá aumentar 62% na segunda safra, reflexo de elevações de 20% na área cultivada e de 31% na produtividade esperada. A produção anual de feijão, apesar da ampliação de 31% na área destinada à segunda safra, motivada por acentuada elevação dos preços do produto, deverá recuar 16,8% no ano, penalizada por queda ocorrida na primeira safra.

O valor bruto da produção agrícola (VBP) no estado, estimado a partir do LSPA de junho e da variação dos preços médios recebidos pelos produtores no primeiro semestre do ano, em relação à igual intervalo de 2011, divulgados pela Seab/PR e Deral, deverá permanecer estável no decorrer de 2012. Esse resultado reflete, em especial, a redução na colheita de soja, produto mais importante na agricultura paranaense, que tende a ser parcialmente compensada pela manutenção dos preços em níveis elevados, e pelo bom desempenho esperado para a safra de milho, cujas cotações seguem favoráveis.

**Gráfico 5.12 – Abates de animais – Paraná**

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Os abates de bovinos, aves e suínos, realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, registraram variações respectivas de -17,6%, 6,8% e 11,6% nos cinco primeiros meses de 2012, em relação a igual período do ano anterior. O estado do Paraná contribuiu, no período, respectivamente, com 3,4%, 30,1% e 20,3% dos abates realizados em todo o país. Os preços médios recebidos pelos produtores paranaenses, entretanto, de acordo com a Seab/PR, registraram variações anuais até o mês de maio, de -3,2%, -2,7% e -5,0%, na ordem, para bovinos, aves e suínos.

A balança comercial do estado registrou déficit de US\$676 milhões no primeiro semestre de 2012, ante US\$364 milhões no mesmo período do ano anterior, reflexo de elevações de 7,5% nas exportações e de 10,8% nas importações, que somaram, na ordem, US\$8,8 e US\$9,5 bilhões.

**Tabela 5.13 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	8 229	8 844	7,5	-0,9
Básicos	3 999	4 350	8,8	-0,6
Industrializados	4 230	4 494	6,2	-1,7
Semimanufaturados	1 053	923	-12,3	-5,8
Manufaturados <sup>1/</sup>	3 177	3 570	12,4	-0,2

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 5.14 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	8 593	9 520	10,8	4,6
Bens de capital	1 732	1 855	7,1	5,6
Matérias-primas	4 012	4 310	7,4	0,4
Bens de consumo	1 546	1 704	10,2	5,0
Duráveis	1 078	1 195	10,9	-0,4
Não duráveis	468	509	8,6	13,1
Combustíveis e lubrificantes	1 303	1 651	26,7	14,6

Fonte: MDIC/Secex

A evolução das exportações, refletindo variações de 0,5% nos preços e de 6,9% no *quantum*, foi impulsionada, em grande parte, pelos crescimentos de 12,4% nos embarques de produtos manufaturados, em especial automóveis, 39,3%, e de 8,8% nos relativos a produtos básicos, ênfase para soja, 34,1%, o principal produto exportado pelo Paraná. As vendas para China, Argentina, Alemanha, Países Baixos e Arábia Saudita representaram, em conjunto, 46,6% das exportações do estado no semestre.

O crescimento das importações decorreu de elevações de 7,7% no *quantum* e de 2,9% nos preços, com destaque para o aumento de 7,4% nas compras de bens intermediários, impactadas pela expansão de 25,4% na relativa a partes e peças para veículos, seguindo-se a elevação de 7,1% nas aquisições de bens de capital, especialmente veículos de carga, com aumento de 282% relativamente ao mesmo período do ano anterior. Observou-se, ainda, um aumento significativo nas compras de combustíveis e lubrificantes, 26,7%. As importações provenientes da Nigéria, China, Argentina, Estados Unidos e México corresponderam a 52,4% das compras externas do estado no semestre.

O mercado de trabalho do Paraná registrou, de acordo com o Caged/MTE, a criação de 47,5 mil empregos formais no trimestre encerrado em maio, ante 51,6 mil em igual período de 2011, ressaltando-se as vagas geradas na indústria de transformação, 14 mil, e no setor de serviços, 13,6 mil. O nível de emprego formal elevou-se 0,9% em relação ao trimestre finalizado em fevereiro, considerados dados dessazonalizados. Na Região Metropolitana de

**Tabela 5.15 – Evolução do emprego formal – Paraná**

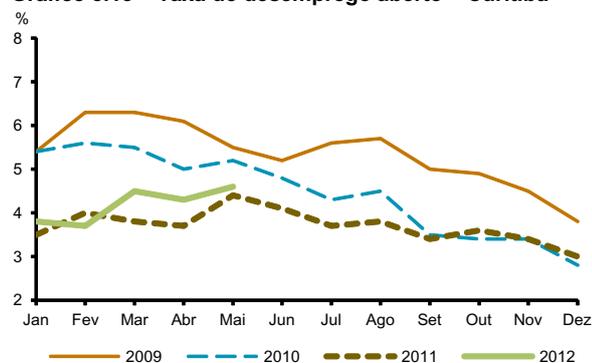
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2011			2012	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	51,6	29,9	30,4	-5,5	47,5
Indústria de transformação	15,3	7,5	1,5	-7,3	14,0
Comércio	7,9	6,9	17,0	-2,8	8,5
Serviços	16,5	11,9	12,2	8,1	13,6
Construção civil	5,1	2,8	0,6	0,5	5,1
Agropecuária	6,0	-0,3	-2,0	-4,1	5,3
Serviços ind. de utilidade pública	0,2	0,4	0,5	0,1	0,4
Outros <sup>2/</sup>	0,6	0,5	0,5	0,1	0,6

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral e administração pública.

**Gráfico 5.13 – Taxa de desemprego aberto – Curitiba**

Fonte: Iparides/IBGE

**Tabela 5.16 – IPCA – RMC**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação %			
		2011		2012	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	1,33	1,27	0,81	1,24
Livres	77,3	1,09	1,58	0,88	1,31
Comercializáveis	37,5	0,09	1,08	-0,36	0,90
Não comercializáveis	39,8	1,96	1,99	2,08	1,68
Monitorados	22,7	1,96	0,47	0,58	1,05
Principais itens					
Alimentação	22,2	1,11	3,11	0,96	2,04
Habitação	15,9	1,11	2,08	2,28	2,57
Artigos de residência	4,4	-0,54	-3,10	-2,34	0,89
Vestuário	7,4	-1,55	0,20	-0,46	2,27
Transportes	21,5	2,60	0,49	-0,62	-1,80
Saúde	11,2	1,97	1,07	0,86	2,04
Despesas pessoais	9,6	2,34	1,40	2,42	3,85
Educação	3,3	0,81	0,13	6,50	-0,87
Comunicação	4,4	0,40	0,89	-0,03	0,15

Fonte: IBGE

1/ Referentes a junho de 2012.

Curitiba (RMC) foram gerados 12,7 mil postos de trabalho no trimestre, dos quais 5,8 mil no setor de serviços, 4 mil no comércio, e 1,4 na construção civil.

A taxa de desemprego na RMC, divulgada pela PME elaborada pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Iparides) em convênio com o IBGE, atingiu 4,6% em maio, ante 3,7% em fevereiro, reflexo de expansões de 1,3% na população ocupada e de 2,3% na PEA. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 4% em maio, elevando-se 0,6 p.p. em relação a fevereiro. O rendimento médio real habitual manteve-se estável no trimestre e cresceu 4% no período de doze meses encerrado em maio.

O IPCA da RMC registrou variação de 1,24% no segundo trimestre de 2012, ante 0,81% naquele finalizado em março, resultado de acelerações, de 0,88% para 1,31%, nos preços livres, e de 0,58% para 1,05% nos monitorados, esses evidenciando, principalmente, os aumentos nos itens taxa de água e esgoto, 11,27%, e plano de saúde, 1,84%, responsáveis por 0,22 p.p. da variação do indicador no período.

A trajetória dos preços livres refletiu a reversão, de -0,36% para 0,90%, nos preços dos itens comercializáveis, impactada pelas elevações nos preços do item cigarro, 21,49%, e dos grupos vestuário, 2,27%, e alimentação e bebidas, 2,04%, que exerceram impacto conjunto de 0,75 p.p. na variação trimestral do IPCA; e a desaceleração, de 2,08% para 1,68%, nos preços dos itens não comercializáveis, com ênfase para os aumentos nos preços de mão-de-obra, 3,90%, conserto de automóvel, 3,65%, empregado doméstico, 3,51%, e refeição, 2,94%, e para as diminuições de 9,30% e 4,11% nos preços de passagem aérea e automóvel usado, respectivamente. O índice de difusão atingiu 56,6% no trimestre encerrado em junho, ante 51% naquele finalizado em março.

Considerados períodos de doze meses, o IPCA da RMC variou 4,74% em junho, ante 5,09% em março, evolução decorrente das desacelerações, de 5,14% para 4,95%, nos preços livres, e de 4,90% para 4,11% nos preços monitorados. A variação nos preços de serviços, superior à observada para a média nacional, atingiu 8,78% em junho, ante 8,49% em março, recuando, todavia, de 2,87% no primeiro trimestre do ano, para 1,91% no segundo.

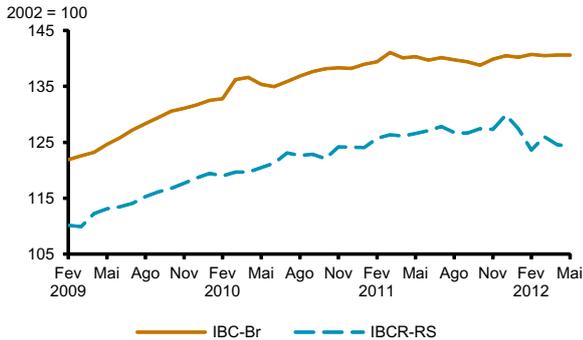
A retração da atividade econômica no Paraná observada no trimestre encerrado em maio refletiu, principalmente, o efeito estatístico da elevada base

de comparação do trimestre anterior decorrente do comportamento da produção industrial. Ressalte-se, todavia, que o setor apresentou ainda crescimento expressivo nos primeiros cinco meses do ano, comparativamente à queda observada para a média da indústria no país. O crescimento nas operações de crédito; o baixo desemprego, em situação de rendimento estável; e as expectativas positivas da segunda safra agrícola sustentam perspectivas favoráveis para a economia paranaense nos próximos meses, aliadas às políticas econômicas de estímulo à produção e ao consumo implementadas nos últimos meses.

## Rio Grande do Sul

**Gráfico 5.14 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Rio Grande do Sul**

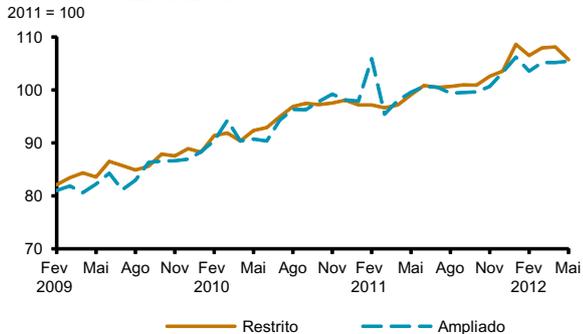
Dados dessazonalizados



A desaceleração presente no desempenho da economia gaúcha ao longo do primeiro semestre de 2012 traduziu, principalmente, o efeito da frustração das colheitas das principais culturas do estado, que repercutiram sobre a renda e o emprego, bem como sobre a produção industrial. Nesse cenário, o IBCR-RS recuou 1,6% no trimestre finalizado em maio, em relação ao encerrado em fevereiro, quando havia apresentado queda de 0,1%, nesse tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. A análise em doze meses revelou crescimento de 2,3% em maio, em relação a igual intervalo do ano anterior, ante expansão de 3,7% em fevereiro de 2012.

**Gráfico 5.15 – Comércio varejista – RS**

Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

O comércio varejista cresceu 1% no trimestre finalizado em maio, relativamente ao findo em fevereiro, quando havia aumentado 4,6% no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. A desaceleração no varejo decorreu, especialmente, da estabilidade nas vendas reais de produtos alimentícios, ante alta de 11,3% no trimestre anterior. O comércio ampliado, incorporadas variações respectivas de 5,5% e -0,7% nas vendas de material de construção e de automóveis e motocicletas, aumentou 0,9% no trimestre em análise, ante 4,4% no trimestre anterior.

**Tabela 5.17 – Comércio varejista – RS**

Geral e setores selecionados

Discriminação	Variação % no período			
	2011	2011		2012
		Fev <sup>1/</sup>	Mai <sup>1/</sup>	
Comércio varejista	6,1	4,6	1,0	7,4
Combustíveis e lubrificantes	5,6	-2,6	0,4	1,4
Hiper e supermercados	1,4	11,5	-0,2	7,4
Tecidos, vestuário e calçados	10,1	-3,2	6,2	5,9
Móveis e eletrodomésticos	15,3	2,1	2,1	10,5
Comércio varejista ampliado	6,2	4,4	0,9	4,8
Automóveis e motocicletas	3,2	1,0	-0,7	-0,1
Material de construção	19,6	5,5	5,5	5,6

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Considerados intervalos de doze meses, o volume de vendas cresceu 7,4% em maio, em relação a igual período do ano anterior, ante 6,4% em fevereiro, com ênfase em equipamentos para escritório, informática e comunicação, 16,1%, em móveis e eletrodomésticos, 10,5%, e em hiper e supermercados, 7,4%. O comércio ampliado, que incorpora as variações respectivas de 5,6% e -0,1% nas vendas de material de construção e de veículos, cresceu 4,8% no período. Em relação às vendas automotivas, observou-se o primeiro resultado negativo desde dezembro de 2006, considerado desempenho no acumulado em doze meses.

O número de unidades comercializadas de automóveis e comerciais leves apresentou retração de 3,2% no trimestre encerrado em maio, ante o imediatamente anterior, conforme dados dessazonalizados da Fenabreve. Em comparação com igual período de 2011, houve crescimento de 1%.

O Icec, divulgado pela Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do RS (Fecomércio-RS), atingiu 126,9 pontos em junho, evidenciando queda na comparação a março, quando se situou em 130,1 pontos, e maior confiança, em relação a junho de 2011, 120,1 pontos.

No curto prazo, o resultado decorreu da deterioração na avaliação das condições presentes, onde os 98 pontos do indicador evidenciaram a falta de confiança dos empresários no momento econômico atual.

A produção da indústria gaúcha registrou queda de 1,8% no trimestre encerrado em maio de 2012, em relação a igual período finalizado em fevereiro, quando assinalou retração de 0,5%, nesse tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF Regional do IBGE. O desempenho de sete das catorze atividades incluídas na pesquisa foi negativo, ressaltando-se os registrados em alimentos, -10,2%, com peso de 17,1 p.p. na composição do resultado do setor, e fumo, -14,5%, e peso de 5,6 p.p.

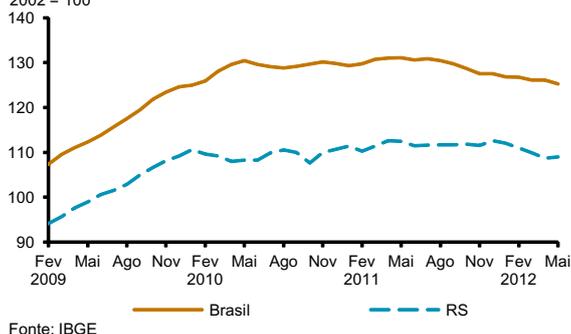
Considerando a produção fabril nos doze meses até maio de 2012 em relação a igual período do ano anterior, observou-se continuidade da tendência de desaceleração, com crescimento de 0,5%, ante 1,7% em fevereiro. Nessa base de comparação, houve avanço da produção em sete das catorze atividades integrantes da pesquisa no estado.

Consistente com os resultados do IBGE, o Índice de Desempenho Industrial (IDI), calculado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), recuou 2,5% no trimestre finalizado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, quando se expandira 1,7% nessa comparação, considerados dados dessazonalizados. Os principais componentes do indicador tiveram desempenho negativo, principalmente as compras e as vendas industriais, -7% e -6,8%, respectivamente. Conforme a Fiergs, esse comportamento refletiu a existência de estoques elevados e os embargos impostos pela Argentina, principal demandante de produtos industriais exportados pelo estado. No período de doze meses encerrado em maio, o indicador recuou 0,5%, ante elevação de 0,4% em fevereiro.

A produtividade da indústria gaúcha, definida como a relação entre a produção física e o número de horas pagas e calculada a partir dos dados do IBGE, elevou-se 1,3% no trimestre encerrado em maio, comparativamente a igual período anterior, após recuo de 0,4% em fevereiro, nesse tipo de análise, a partir de dados dessazonalizados. Considerados intervalos de doze meses, o indicador assinalou expansão de 0,7% em maio, ante 0,6% em fevereiro.

O Icei, mensurado pela Fiergs, registrou 54,4 pontos em junho, declinando 0,8 ponto em relação a março. A redução refletiu as quedas de 0,6 ponto no componente que avalia as condições atuais e de 0,9 ponto no relativo

**Gráfico 5.16 – Produção industrial – RS**  
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



**Tabela 5.18 – Produção industrial – Rio Grande do Sul**  
Geral e atividades selecionadas

Setores	Pesos <sup>1/</sup> 2012	Variação % no período		
		12 meses		
		Fev <sup>2/</sup>	Mai <sup>2/</sup>	
Indústria geral	100,0	-0,5	-1,8	0,5
Alimentos	17,1	-0,7	-10,2	-1,1
Máquinas e equipamentos	11,1	17,7	3,1	14,4
Veículos automotores	11,1	-15,6	8,6	-4,0
Refino de petróleo e álcool	10,9	3,3	2,8	4,5
Outros produtos químicos	10,9	1,9	1,8	2,1
Calçados e artigos de couro	7,6	-5,9	13,4	-10,5

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade conforme a PIM-PF/IBGE de maio.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Tabela 5.19 - Indicadores da produção industrial**  
Rio Grande do Sul

Discriminação	Variação %		
	2012		
	Fev <sup>2/</sup>	Mai <sup>2/</sup>	12 meses
IDI	1,7	-2,5	-0,5
Compras industriais	0,2	-7,0	-7,1
Vendas industriais	6,9	-6,8	-1,0
Pessoal ocupado	0,9	-2,3	0,4
Horas trabalhadas	3,7	-5,6	0,0
Nuci <sup>1/</sup>	84,1	81,7	82,7

Fonte: Fiergs

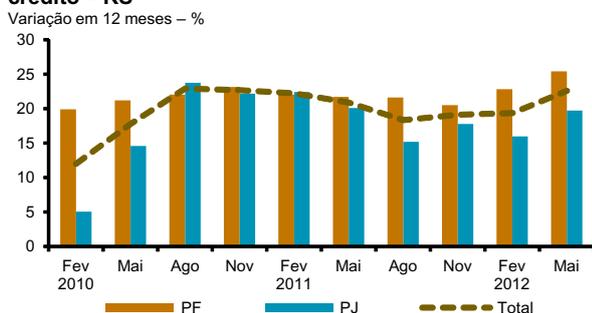
1/ Percentual médio de utilização.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados pelo BCB.

às expectativas dos empresários para os próximos seis meses. Os declínios das condições atuais e das expectativas traduziram, principalmente, o recuo da confiança no desempenho da economia nacional.

A taxa de velocidade das vendas de imóveis novos em Porto Alegre atingiu 7,6% em maio de 2012, ante 4,3% em fevereiro e 10% em maio de 2011, conforme Pesquisa do Mercado Imobiliário de Porto Alegre, realizada pelo Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS), tendo sido comercializadas 388 novas unidades no mês, ante 187 em fevereiro e 326 em maio de 2011.

**Gráfico 5.17 – Evolução do saldo das operações de crédito – RS<sup>1/</sup>**



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil contratadas no estado alcançou R\$137,1 bilhões em maio, crescendo 7,1% no trimestre e 22,6% em doze meses. A carteira de pessoas físicas totalizou R\$70,4 bilhões, aumentando 7,2% e 25,4%, respectivamente, nas bases de comparação mencionadas, com ênfase na evolução das modalidades crédito pessoal com e sem consignação em folha de pagamento, e financiamentos imobiliários. O saldo das operações contratadas por pessoas jurídicas atingiu R\$66,7 bilhões, elevando-se 6,9% no trimestre e 19,7% em doze meses, destacando-se o crescimento dos financiamentos direcionados ao comércio atacadista, exceto veículos automotores e motocicletas; indústria de alimentos e bebidas, exceto açúcar em bruto, e indústria de máquinas e equipamentos.

**Tabela 5.20 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul**

Itens selecionados

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		Variação % 2012/2011
		Produção <sup>2/</sup> 2011	2012	
Grãos	69,7	29 613	19 774	-33,2
Soja	34,0	11 621	5 991	-48,4
Arroz (em casca)	20,7	8 942	7 736	-13,5
Milho	9,2	5 776	3 218	-44,3
Trigo	4,4	2 742	2 343	-14,5
Feijão	0,7	124	86	-30,1
Outras lavouras				
Fumo	10,7	498	390	-21,6
Mandioca	5,3	1 305	1 196	-8,4
Uva	2,5	830	840	1,3
Maçã	1,9	634	621	-2,1

Fonte: IBGE

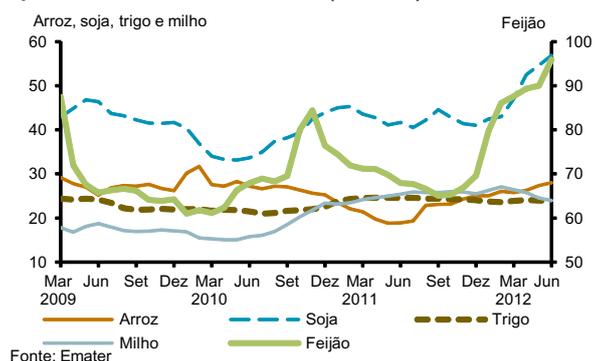
1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2012.

A inadimplência das operações de crédito no estado atingiu 3,1% em maio, ante 2,9% em fevereiro, variação que refletiu os aumentos de 0,1 p.p. no segmento de pessoas físicas e de 0,3 p.p. no de pessoas jurídicas, que assinalaram taxas de 3,8% e 2,3%, respectivamente.

A safra de grãos do estado para 2012 está projetada em 19,8 milhões de toneladas, de acordo com o LSPA de junho, do IBGE, representando 12,6% da produção nacional. A retração anual, estimada em 33,2%, traduz as perspectivas de recuos nas produções de soja, 48,4%; milho, 44,3%; feijão, 30,1%; trigo, 14,5%; e arroz, 13,5%. No âmbito das demais culturas, assinala-se a projeção de queda anual de 21,6% para o fumo. Considerando apenas os produtos da safra de verão (amendoim, arroz, feijão 1ª safra, milho 1ª safra e soja), a produção prevista de 17 milhões de toneladas deverá ser 33,2% inferior à assinalada em 2011, redução explicada pelos baixos índices pluviométricos registrados. A soja, apesar de ter apresentado crescimento nas áreas plantadas e colhidas, 4,3% e 1,5%, na ordem, registrou queda de 49,2%

**Gráfico 5.18 – Preços médios mensais pagos ao produtor – Rio Grande do Sul (R\$/saca)**



Fonte: Emater

**Tabela 5.21 – Indicadores da pecuária – Rio Grande do Sul**

Maio de 2012

Discriminação	Produção	Variação % no ano	
		Exportações (kg)	Preços (R\$)
Abates <sup>1/</sup>			
Bovinos	-23,4	-50,5	2,3
Suínos	4,0	-16,8	1,8
Aves <sup>2/</sup>	-10,8	-3,1	-9,0
Leite <sup>3/</sup>	17,3 <sup>4/</sup>	-	8,5

Fonte: Emater/RS, IBGE, Iepe, Mapa e MDIC

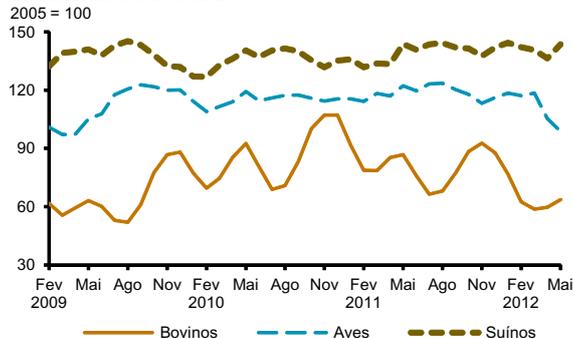
1/ Número de animais.

2/ Os preços correspondem aos praticados no varejo.

3/ Litros.

4/ Primeiro trimestre.

**Gráfico 5.19 – Abates de animais – Rio Grande do Sul**  
Média móvel trimestral



Fonte: Mapa

**Tabela 5.22 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul 2011	Rio Grande do Sul 2012	Var. %	Brasil Var. %
Total	9 261	8 514	-8,1	-0,9
Básicos	4 461	4 067	-8,8	-0,6
Industrializados	4 800	4 447	-7,4	-1,7
Semimanufaturados	793	684	-13,8	-5,8
Manufaturados <sup>1/</sup>	4 007	3 763	-6,1	-0,2

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

no rendimento médio. O arroz assinalou reduções nas áreas plantadas e colhidas, 11,4% e 11,5%, respectivamente, e declínio de 2,2% no rendimento médio.

A contração na oferta agrícola teve reflexos nos preços dos principais produtos, com exceção do trigo. As cotações médias para feijão, arroz, milho, soja e trigo registraram variações respectivas de 24%, 27,3%, 5,7%, 14,3% e -2,2% no primeiro semestre do ano, em relação a igual período de 2011, de acordo com estatísticas da Emater/RS. Na margem, essas cotações médias variaram 8,6%, 6,1%, -6,8%, 23,8% e 1%, respectivamente, no segundo trimestre do ano em relação ao trimestre encerrado em março.

Os abates de bovinos e aves registraram quedas acentuadas, de 23,4% e de 10,8% nos primeiros cinco meses de 2012, comparativamente a igual período de 2011, conforme estatísticas do Mapa. Esse desempenho, no caso de bovinos, refletiu o embargo às exportações destinadas à Rússia, enquanto que a redução dos abates de aves foi impactada por paralisação das operações de empresa do setor em abril. Os preços internos desses produtos registraram elevação de 2,3% e queda de 9% no período, enquanto as quantidades exportadas recuaram, na ordem, 50,5% e 3,1%, de acordo com o MDIC. Por outro lado, a produção de suínos, acompanhando a elevação de 1,8% dos preços internos, registrou expansão de 4%, apesar da queda de 16,8% das exportações, que refletiram, principalmente, as restrições impostas pela Rússia.

Os preços médios do leite cresceram 8,5% de janeiro a maio de 2012, ante igual período de 2011, de acordo com a Emater/RS. A produção do estado, que representa cerca de 15% do país, elevou-se 17,3% no primeiro trimestre do ano, ante período correspondente de 2011, conforme pesquisa do IBGE, enquanto o resultado do país alcançou 4,5%.

A balança comercial do estado registrou superávit de US\$1,6 bilhão no primeiro semestre de 2012, ante US\$1,8 bilhão no mesmo período de 2011, de acordo com o MDIC. As exportações somaram US\$8,5 bilhões e as importações, US\$6,9 bilhões, assinalando retrações respectivas de 8,1% e 7,3% no período.

A trajetória das vendas externas evidenciou recuos de 3% nos preços e de 5,3% no *quantum*. Os embarques de produtos básicos, 47,8% da pauta, reduziram-se 8,8% no semestre, com destaque para as quedas referentes à soja, 19,6%, carnes, 23,3%, e trigo, 19,6%. As exportações de produtos manufaturados, responsáveis por 44,2% das

vendas externas no período, declinaram 6,1%, destacando-se os recuos respectivos de 37,1% e 7,4% nas relativas a calçados e a polímeros de etileno. As exportações de semimanufaturados decresceram 13,8% no período, com ênfase nas reduções nos itens couros e peles, 26,4%, e óleo de soja em bruto, 13,2%. As exportações gaúchas direcionadas à China, Argentina e EUA representaram, em conjunto, 33% das vendas externas do estado no semestre.

**Tabela 5.23 – Importação por categoria de uso – FOB**  
Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul			Brasil
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	7 462	6 919	-7,3	4,6
Bens de capital	1 120	1 191	6,4	5,6
Matérias-primas	3 680	3 434	-6,7	0,4
Bens de consumo	965	939	-2,7	5,0
Duráveis	754	716	-5,1	-0,4
Não duráveis	211	223	5,8	13,1
Combustíveis e lubrificantes	1 697	1 355	-20,1	14,6

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 5.24 – Evolução do emprego formal – Rio Grande do Sul**

Novos postos de trabalho

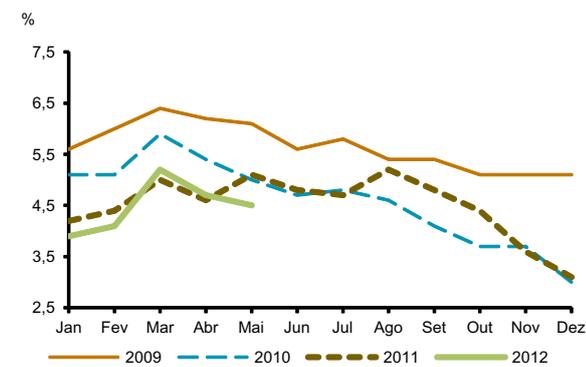
Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2011			2012	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	40,9	17,1	35,9	0,1	27,7
Indústria de transformação	18,2	-1,7	-0,8	-4,8	8,6
Comércio	8,2	5,2	15,9	-3,9	6,3
Serviços	16,9	10,5	12,8	5,9	15,3
Construção civil	3,4	2,9	3,1	0,7	4,0
Agropecuária	-6,4	-0,2	5,0	2,6	-6,7
Serviços ind. de utilidade pública	0,2	0,2	0,0	-0,2	-0,2
Outros <sup>2/</sup>	0,4	0,2	0,0	-0,2	0,5

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

**Gráfico 5.20 – Taxa de desocupação – Porto Alegre**



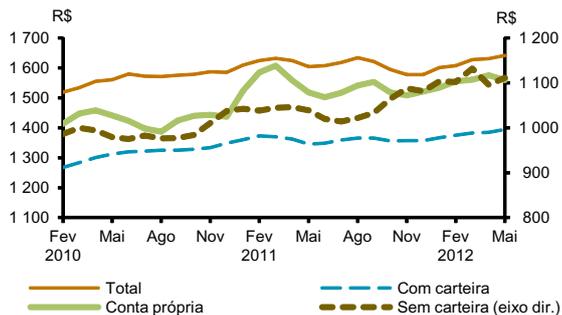
Fonte: IBGE

O resultado das importações, decorrente de retrações de 16,1% no *quantum* e de 10,5% nos preços, foi provocado, em grande parte, pelo recuo de 6,7% nas aquisições de matérias-primas e produtos intermediários, que, representando 49,6% do total importado no período, refletiram as reduções de 1,7% nas compras de naftas para petroquímica e de 23,4% nas de adubos e fertilizantes. As importações de combustíveis, bens de capital e bens de consumo apresentaram variações respectivas de -20,1%, 6,4% e -2,7%, com destaque para os recuos nas referentes a petróleo em bruto, 18,5%, automóveis, 6,8%, e veículos de carga, 3,2%. As aquisições originárias da Argentina, Nigéria e China totalizaram, em conjunto, 51,9% das compras externas do estado no período.

O mercado de trabalho no Rio Grande do Sul registrou a geração de 27,7 mil empregos formais no trimestre finalizado em maio, ante 40,9 mil no encerrado em igual mês de 2011, de acordo com o Caged/MTE. O setor de serviços respondeu pela maior parte das vagas criadas, 15,3 mil, sendo 3,7 mil em alojamento e alimentação, 3,3 mil em administração de imóveis, serviços técnicos e profissionais, e 3,2 mil em ensino. Observe-se, dentre os setores pesquisados, que somente a construção civil apresentou resultado superior ao verificado no mesmo período de 2011, 4 mil novos postos, ante 3,4 mil. A agropecuária eliminou 6,7 mil vagas, em virtude do término da colheita de lavouras temporárias e permanentes. O nível de emprego formal cresceu 0,7% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando registrou igual variação no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

A taxa de desemprego da região metropolitana de Porto Alegre (RMPA) alcançou 4,5% em maio, a menor para esse mês desde 2002, de acordo com a PME do IBGE, ante 4,1% em fevereiro e 5,1% em igual mês de 2011. A redução de 0,6 p.p. frente a maio de 2011 refletiu os acréscimos de 1,7% na população ocupada e de 1% na PEA. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 4,2% em maio, ante 4% em fevereiro, com variações de 0,9% na população ocupada e de 1% na PEA. O rendimento médio

**Gráfico 5.21 – Rendimento médio real habitual<sup>1/</sup> – Porto Alegre**



Fonte: IBGE  
1/ Média móvel trimestral, a preços de maio de 2012, corrigidos pelo INPC.

**Tabela 5.25 – IPCA – RMPA**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % trimestral			
		2011		2012	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	0,85	1,76	0,98	1,27
Livres	75,4	0,94	1,68	1,12	1,47
Comercializáveis	38,2	0,57	1,62	0,37	1,35
Não comercializáveis	37,3	1,28	1,73	1,91	1,58
Monitorados	24,6	0,60	1,99	0,55	0,69
Principais itens					
Alimentação	23,8	0,95	2,19	1,18	2,41
Habitação	13,9	0,96	1,96	1,66	1,28
Artigos de residência	5,0	0,06	-0,31	1,00	-0,40
Vestuário	7,2	1,24	3,88	-1,28	3,68
Transportes	19,6	0,62	1,65	0,38	-2,24
Saúde	11,3	1,50	1,49	0,90	2,81
Despesas pessoais	10,1	0,72	1,65	0,98	3,44
Educação	4,4	1,05	0,32	5,89	0,31
Comunicação	4,7	-0,33	0,87	-0,22	1,16

Fonte: IBGE  
1/ Referentes a junho de 2012.

real habitual e a massa salarial real assinalaram aumentos respectivos de 2,1% e 2,5% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro.

O IPCA da RMPA acumulou alta de 1,27% no trimestre encerrado em junho, ante 0,98% nos três meses finalizados em março. A variação dos preços livres elevou-se de 1,12% para 1,47% e dos preços monitorados de 0,55% para 0,69%, essa refletindo o reajuste nos preços dos produtos farmacêuticos, 4,62%, em parte neutralizado pela retração de 1,71% nos preços da gasolina.

A trajetória dos preços livres resultou da aceleração nos preços dos bens comercializáveis, de 0,37% para 1,35%, derivada, especialmente, dos aumentos em vestuário, 3,68%, e cigarros, 19,08%, cujos impactos foram em parte mitigados pela retração de 6,02% em automóvel novo. A variação dos bens não comercializáveis arrefeceu, de 1,91% para 1,58%, favorecida principalmente pela queda de 7,62% nos preços do automóvel usado. O índice de difusão alcançou 56,6% no trimestre finalizado em junho, ante 56,3% naquele encerrado em março.

A variação do IPCA da RMPA acumulada em doze meses alcançou 4,95% em junho, ante 5,38% em março. Os preços livres aumentaram 5,31%, ante 5,59%, refletindo variações menos acentuadas nos preços dos bens não comercializáveis, de 7,14% para 6,66%, suavizada pelo recuo nos preços de automóvel usado, e nos preços dos bens comercializáveis, de 4,03% para 3,96%, destacando-se a redução em automóvel novo e a alta em cigarros. Os preços monitorados desaceleraram, de 4,76% para 3,87%, ressaltando-se a queda nos preços da gasolina e a elevação menos acentuada em energia elétrica residencial.

A perda de dinamismo da economia gaúcha, expressa no desempenho da indústria e impactada pela frustração da safra agrícola no início do ano, deverá ser amenizada pelos efeitos das medidas recentes de política fiscal e pela distensão na política monetária. Essa perspectiva é fundamentada pelas condições favoráveis do crédito, pelo nível sustentável de endividamento, bem como pela confiança dos consumidores, em que pesem a persistência da crise internacional e as dificuldades de negociação comercial com a Argentina, importante parceiro do estado.